

## ENTRE O POPULISMO E O AUTORITARISMO: O BOLSONARISMO COMO MANIFESTAÇÃO DO FASCISMO

BETWEEN POPULISM AND AUTHORITARIANISM: BOLSONARISM AS A MANIFESTATION OF FASCISM

Rodrigo Freire de Carvalho e Silva\*  
Universidade Federal da Paraíba

Célia Rejane Araújo Negreiro\*  
Universidade Federal da Paraíba

**Resumo:** Este artigo examina o bolsonarismo enquanto manifestação contemporânea do fascismo e antipolítica. O objetivo é explorar como esse movimento desafia a democracia liberal, contextualizando-o dentro de um cenário global de ascensão do autoritarismo e da crise da democracia liberal, explorando os fundamentos teóricos e históricos, as intersecções entre bolsonarismo, populismo, fascismo e antipolítica, situando o caso brasileiro no contexto do autoritarismo que desafia os princípios democráticos. Foi utilizada a análise bibliográfica e qualitativa, com suporte teórico em autores como Laclau, Weber, Eco e Arendt. Concluiu-se que o bolsonarismo utiliza um discurso populista e autoritário que, ao rejeitar a política institucional e fomentar a polarização, se configura como uma ameaça à democracia. Ao discutir o papel do carisma, da violência simbólica e literal, e da antipolítica, o artigo contribui para compreender as dinâmicas que sustentam a ascensão de ideologias autoritárias na política contemporânea

**Palavras-chave:** Fascismo; Populismo; Antipolítica; Autoritarismo

**Abstract:** This paper examines Bolsonarism as a contemporary manifestation of fascism and antipolitics. The objective is to explore how this movement challenges liberal democracy, contextualizing it within a global scenario of rising authoritarianism and the crisis of liberal democracy. It explores the theoretical and historical foundations, the intersections between Bolsonarism, populism, fascism, and anti-politics, situating the Brazilian case within the context of authoritarianism that challenges democratic principles. Bibliographical and qualitative analysis was used, with theoretical support from authors such as Laclau, Weber, Eco, and Arendt. It concludes that Bolsonarism uses a populist and authoritarian discourse that, by rejecting institutional politics and fostering polarization, constitutes a threat to democracy. By discussing the role of charisma, symbolic and literal violence, and antipolitics, the article contributes to understanding the dynamics that sustain the rise of authoritarian ideologies in contemporary politics.

**Keywords:** Fascism; Populism; Anti-politics; Authoritarianism

\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (PPGCPR / UFPB). Doutor em Ciências Sociais - Estudos Comparados das Américas pela Universidade de Brasília . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-6368>

\* Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

## Introdução

Nos últimos anos, o Brasil vem experimentando a ascensão de um fenômeno político que desafiou as normas tradicionais da democracia liberal: o bolsonarismo. Caracterizado por uma retórica de oposição às instituições democráticas e ao establishment político, o bolsonarismo se insere dentro de um espectro mais amplo de movimentos populistas e autoritários que ganharam força em diversas partes do mundo. Inspirado por elementos do fascismo, pela antipolítica e pela lógica populista, o bolsonarismo configura-se como uma expressão contemporânea da crise da democracia liberal, levando o debate político brasileiro para o centro de discussões globais sobre o ressurgimento de ideologias reacionárias e autocráticas. Este artigo tem como objetivo explorar as intersecções entre bolsonarismo, populismo, fascismo e antipolítica, situando o caso brasileiro no contexto de uma crescente onda de autoritarismo que desafia os princípios democráticos.

Para fundamentar o presente artigo, partimos de uma leitura crítica da realidade apoiados em revisão bibliográfica guiada por uma abordagem qualitativa. O estudo revisa conceitos e dados históricos a partir do diálogo com os principais autores do cânone da ciência política e de outros pensadores relevantes para o pensamento político ocidental, permitindo-nos compreender fatos políticos contemporâneos que norteiam os posicionamentos autoritários da extrema-direita no país.

O bolsonarismo pode ser entendido, em primeiro lugar, como um movimento reacionário que se apropria do discurso da antipolítica. Esse discurso, que ganha força em momentos de crise de representatividade, visa deslegitimar as instituições democráticas e promover a ideia de que a política tradicional está corrompida e distante dos interesses do povo. Ao se colocar como o "outsider" que desafia o sistema, Jair Bolsonaro personificou esse movimento no Brasil, consolidando-se como a figura central de uma nova direita que rejeita a mediação política e a construção de consensos (Bucci, 2022). A antipolítica, neste contexto, é a negação da política institucional e da própria ideia de pluralismo. Ela coloca em xeque o papel das instituições democráticas e cria um ambiente propício para a emergência de lideranças autoritárias, que reivindicam uma suposta legitimidade direta com o "povo", em detrimento da política representativa tradicional.

A relação entre bolsonarismo e populismo é central para compreender o fenômeno. De acordo com Ernesto Laclau (2013), o populismo não é uma ideologia em si, mas uma lógica política que opera através da criação de uma dicotomia entre o "povo" e seus inimigos. Essa construção dualista é característica dos regimes populistas e foi amplamente utilizada por Bolsonaro, que, ao longo de sua campanha e durante seu governo, promoveu uma narrativa de "nós contra eles". No bolsonarismo, o "povo" é definido como uma entidade homogênea, composta por cidadãos comuns, patriotas e trabalhadores, enquanto os inimigos são as elites políticas, a imprensa, as universidades e os movimentos sociais. A estratégia populista de dividir a sociedade em dois campos irreconciliáveis facilita a concentração de poder em uma liderança carismática que se coloca como única capaz de representar a verdadeira vontade popular (Laclau, 2013).

A liderança carismática é outro ponto central na análise do bolsonarismo como um fenômeno populista. Weber (1999) define o carisma como uma qualidade extraordinária de uma liderança, reconhecida e valorizada por seus seguidores. Jair Bolsonaro, com seu discurso simplificado e direto, conseguiu mobilizar milhões de brasileiros que viam nele uma alternativa radical ao status quo político. Sua popularidade baseia-se na sua habilidade de explorar ansiedades sociais, especialmente em relação à segurança pública, moralidade e corrupção, temas caros ao imaginário conservador brasileiro. A confiança depositada nele por seus eleitores, muitas vezes incondicional, reflete o que Weber descreve como a legitimação carismática, onde o líder é visto como alguém que possui poderes excepcionais, capaz de romper com a normalidade institucional para restaurar a ordem e a justiça.

No entanto, o bolsonarismo não pode ser compreendido apenas como um populismo de direita. Ele também carrega traços de fascismo, particularmente na sua relação com a violência e com a negação da política. O fascismo, como foi amplamente discutido por autores como Umberto Eco (1995) e Robert Paxton (2004), é caracterizado pela glorificação da força, pela exaltação de uma nação homogênea e pela intolerância ao pluralismo. Embora o bolsonarismo não possa ser classificado como fascismo em sua forma clássica, ele adota práticas e discursos que ecoam elementos fascistas. A violência, seja simbólica ou literal, está no cerne do bolsonarismo, que promove um discurso de combate implacável aos "inimigos da nação", justificando medidas autoritárias em nome da segurança e da ordem. O culto à masculinidade, à ordem militar e à repressão de

opositores políticos são traços que aproximam o bolsonarismo de movimentos fascistas do passado (Eco, 1995).

Além disso, o bolsonarismo se fundamenta em uma lógica de negação da política, que se aproxima daquilo que Hannah Arendt (1963) descreveu como a "banalidade do mal" nos regimes totalitários. Arendt argumenta que, em regimes autoritários, a negação da política e do debate público leva à naturalização da violência e da repressão, esvaziando o espaço público de qualquer possibilidade de dissenso. No caso do bolsonarismo, essa negação se manifesta na rejeição ao diálogo com outros poderes da República, na tentativa de silenciar a imprensa e na constante polarização e radicalização do debate político. Essa postura é reforçada por uma base de apoio mobilizada por discursos incendiários, que tratam a política como um campo de batalha moral e não como um espaço de mediação de interesses divergentes (Arendt, 1963).

O bolsonarismo, assim, não só desafia os princípios da democracia liberal, mas também se articula como uma resposta às crises sociais e econômicas do Brasil. A promessa de um retorno à ordem, à moralidade e à segurança, elementos centrais do discurso bolsonarista, ressoa entre setores da população que se sentem desamparados e ameaçados pelas transformações sociais recentes. O movimento, no entanto, ao invés de propor soluções políticas para os problemas que identifica, prefere a lógica do embate e da destruição, características que o conectam ao fascismo e à antipolítica.

Portanto, ao investigar as interseções entre bolsonarismo, populismo, fascismo e antipolítica, este artigo pretende lançar luz sobre as dinâmicas que sustentam a ascensão da extrema-direita no Brasil, situando o fenômeno dentro de um contexto histórico mais amplo de desestabilização das democracias liberais e de fortalecimento de ideologias autoritárias. A análise das contribuições de autores como Laclau, Weber, Eco e Arendt é essencial para a compreensão do bolsonarismo como um fenômeno complexo, que combina traços de populismo e fascismo com a negação da política institucional, e que representa um dos maiores desafios contemporâneos para a democracia brasileira.

## **Metodologia**

O presente artigo utiliza uma abordagem qualitativa fundamentada em revisão bibliográfica para analisar o fenômeno do bolsonarismo no Brasil e suas interseções com o fascismo, o populismo e a antipolítica. O objetivo é contextualizar o bolsonarismo dentro

de um cenário global de ascensão do autoritarismo e da crise da democracia liberal, explorando seus fundamentos teóricos e históricos, explorando as intersecções entre bolsonarismo, populismo, fascismo e antipolítica, situando o caso brasileiro no contexto de uma crescente onda de autoritarismo que desafia os princípios democráticos.

Para isso, este artigo revisita conceitos e teorias consagrados no campo das ciências políticas e sociais, apoiando-se nas contribuições de autores como Ernesto Laclau, Max Weber, Umberto Eco e Hannah Arendt, entre outros. A partir da análise dessas obras, são examinadas as características centrais do bolsonarismo enquanto fenômeno político reacionário e autoritário, incluindo o papel do carisma, o discurso de antipolítica e a relação com a violência.

O estudo utiliza uma metodologia crítica para revisar e reinterpretar dados históricos e teorias políticas relevantes, adotando um foco analítico que considera tanto o contexto nacional quanto as tendências transnacionais contemporâneas. Por meio dessa análise comparativa e interpretativa, o artigo busca compreender as implicações do bolsonarismo para o sistema democrático brasileiro e para os valores da política liberal.

### **O Bolsonarismo e a Política da Antipolítica**

O bolsonarismo emerge como a epítome da política da antipolítica, caracterizando-se por uma estratégia que busca modular comportamentos e atitudes sociais através da força e da disciplina, fundamentada em uma lógica de conflito permanente. A análise de Bucci (2022) destaca que a “barulheira incendiária” que sustenta o bolsonarismo não é apenas um ruído político, mas uma ferramenta para manter a sociedade em um estado contínuo de convulsão, onde a coerência e os fatos perdem relevância. Essa crise de confiança nas instituições brasileiras, acentuada durante a operação Lava Jato, colocou a pauta moral acima das políticas públicas, preparando o terreno para a ascensão do bolsonarismo. A desilusão com o sistema político tradicional foi catalisada por uma narrativa que promovia uma moralização da política, enquanto corroía as bases institucionais da democracia. Como observa Schwarz (2019), “o lavajatismo promoveu um discurso de moralização da política ao mesmo tempo em que corroía as bases institucionais da democracia”. Sem o fenômeno do lavajatismo, é provável que o bolsonarismo não tivesse encontrado as condições necessárias para se estabelecer como uma força eleitoral viável.

O conceito de populismo reacionário, conforme explorado por Cristian Dunker, Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro, oferece uma importante lente analítica para entender o bolsonarismo e suas características. Dunker (2020) argumenta que o populismo reacionário representa uma resposta psíquica às angústias sociais e culturais, especialmente em tempos de crise. No Brasil, essas angústias foram exacerbadas pela insegurança, pelo medo de um colapso moral e pela percepção de uma ameaça às tradições. O discurso bolsonarista soube capitalizar esses temores, apresentando Bolsonaro como um líder carismático capaz de restaurar a ordem social e moral. Lynch e Cassimiro (2022) discutem o populismo reacionário no contexto da democracia iliberal, onde há uma centralização do poder nas mãos de um líder e a eliminação de inimigos internos e externos da nação. Segundo Lynch e Cassimiro, “o bolsonarismo combina elementos conservadores e reacionários, que não apenas questionam a legitimidade das instituições democráticas, mas buscam ativamente destruí-las em nome de uma ordem imaginária e passada” (Lynch; Cassimiro, 2022, p. 69). Essa perspectiva permite compreender o bolsonarismo não apenas como um fenômeno político, mas como uma ameaça à própria ideia de democracia pluralista.

Além disso, o bolsonarismo pode ser interpretado como uma manifestação do pós-fascismo, que descreve regimes políticos autoritários que operam dentro das regras democráticas, mas visam subvertê-las. Luis Felipe Miguel (2018b) argumenta que o anticomunismo é um dos pilares fundamentais dessa nova direita, sendo o “fantasma do comunismo” frequentemente evocado por Bolsonaro e seus apoiadores. Frases como “minha bandeira jamais será vermelha” tornaram-se símbolos dessa retórica anticomunista e autoritária. Géraldine Schwarz (2019) destaca o risco representado pela fragilidade da memória histórica no Brasil, onde o processo de rememoração da ditadura militar foi inadequado. Essa lacuna permitiu que figuras como Bolsonaro reabilitassem o discurso autoritário, celebrando os crimes do passado e utilizando-os como base para uma nova forma de autoritarismo político (Schwarz apud Eichenberg, 2019). Nesse contexto, a democracia brasileira torna-se especialmente vulnerável, uma vez que o bolsonarismo se alimenta da falha em confrontar adequadamente o legado ditatorial.

O bolsonarismo insere-se em um contexto global de ascensão das novas direitas, que mesclam ultraliberalismo, neoconservadorismo e fundamentalismo religioso. Esses grupos utilizam as fake news como arma política, criando uma “máquina de propaganda

azeitada” que manipula emoções e anula a razão (Wardle, 2021). A manipulação da verdade e a criação de uma realidade alternativa foram cruciais para a campanha eleitoral de 2018, permitindo a Bolsonaro polarizar a disputa com o PT e eclipsar o PSDB como a principal força de oposição. A linguagem disruptiva, as promessas simplistas e a criminalização da política tradicional foram centrais para o sucesso do bolsonarismo. Aarão (2020) observa que a estratégia de Bolsonaro consistiu em “ampliar alianças com o capital financeiro, as igrejas evangélicas e as forças conservadoras, consolidando-se como o centro de uma ampla frente de direita que transcendeu as fronteiras da extrema-direita tradicional” (Aarão, 2020). Essa nova configuração política não só redefine as alianças estratégicas no Brasil, mas também exemplifica a intersecção entre práticas autoritárias e discursos populistas que permeiam a política contemporânea.

### **Populismo, Fascismo e a ascensão da extrema-direita**

A ascensão do bolsonarismo também reflete uma tendência global de fortalecimento do populismo e da extrema direita, fundamentada em uma retórica antiestablishment que deslegitima as instituições democráticas e demoniza opositores. Para Mudde e Kaltwasser (2017), o populismo é uma ideologia que se posiciona na intersecção de outras ideologias, caracterizando a sociedade como dividida em duas classes opostas: o "povo puro" e a "elite corrupta". O discurso bolsonarista se insere nessa lógica, apresentando-se como a voz do povo contra uma elite percebida como opressora e corrupta.

O fascismo compartilha características fundamentais com o bolsonarismo, especialmente na promoção de uma identidade nacionalista e na construção de um inimigo comum. O conceito de fascismo abrange regimes que aspiram à totalidade do poder, muitas vezes à custa das liberdades individuais. Segundo Paxton (2007), o fascismo fundamenta-se na concepção de uma nação grandiosa que necessita de purificação, frequentemente através da exclusão ou eliminação daqueles considerados "não puros". Essa retórica é visível no discurso bolsonarista, que frequentemente evoca a necessidade de proteger o Brasil de ameaças internas e externas, alimentando um clima de insegurança e divisão.

A relação entre o populismo reacionário e o autoritarismo é igualmente intrínseca, uma vez que ambos buscam minar os fundamentos da democracia em nome da ordem e

da segurança. A crítica à corrupção é utilizada como um pretexto para justificar medidas autoritárias e a centralização do poder. Levitsky e Ziblatt (2018) argumentam que um dos indicativos mais evidentes de erosão democrática é a aceitação da noção de que a democracia pode ser comprometida em prol da segurança. No caso do bolsonarismo, essa ideia é articulada através da retórica da luta contra o crime e da defesa da moralidade pública, servindo para legitimar práticas que vão contra os princípios democráticos.

Assim, o bolsonarismo se revela não apenas como uma resposta a crises políticas e sociais, mas como parte de um fenômeno mais amplo que caracteriza a política contemporânea: a ascensão do populismo reacionário, do autoritarismo e da extrema direita, uma intersecção de ideologias e práticas que redefine a política brasileira.

### **O Fascismo e suas repercussões no contexto do bolsonarismo**

O fascismo, como ideologia política autoritária, apresenta características que podem ser observadas na ascensão do bolsonarismo no Brasil. O bolsonarismo utiliza uma retórica populista, nacionalista e anti-institucional, que ecoa elementos do fascismo, como a deslegitimação das instituições democráticas e a construção de uma identidade nacional homogênea. Essa relação se torna mais evidente ao analisarmos aspectos centrais de ambos, como a antipolítica, o culto à personalidade e a promoção de um discurso que deslegitima adversários.

O bolsonarismo se caracteriza como uma manifestação da antipolítica, buscando modular comportamentos sociais através do medo e da disciplina, frequentemente promovendo um estado de conflito contínuo. Esse ambiente de instabilidade assemelha-se ao uso de crises pelo fascismo para consolidar seu poder, criando um cenário onde a lógica democrática é substituída por uma ordem autoritária.

O anticomunismo é um dos pilares fundamentais do bolsonarismo, com o "fantasma do comunismo" sendo constantemente evocado. Frases como "minha bandeira jamais será vermelha" ilustram essa retórica anticomunista e autoritária (Miguel, 2018b). Esse discurso não só divide a sociedade em categorias de amigos e inimigos, mas também cria um clima de violência e repressão contra qualquer forma de oposição.

Géraldine Schwarz (2019) destaca que a fragilidade da memória histórica no Brasil, resultante de uma rememoração insuficiente da ditadura militar, possibilitou a reabilitação do discurso autoritário. A falta de um confronto adequado com o legado da

ditadura contribuiu para a vulnerabilidade da democracia brasileira, tornando-a um terreno fértil para a ascensão de um novo autoritarismo, onde o bolsonarismo encontra espaço para prosperar.

### **O Fascismo e as novas direitas**

A ascensão das novas direitas no contexto contemporâneo é marcada por um discurso que ressoa com elementos históricos do fascismo, refletindo características comuns que desafiam as bases democráticas. Umberto Eco, em seu ensaio "Eternal Fascism" (1995), fornece uma análise perspicaz sobre o que constitui o fascismo, identificando uma série de traços que se manifestam em diferentes contextos históricos. Entre esses traços, Eco destaca a nostalgia por um passado glorioso, a deslegitimação do inimigo e a construção de um "povo puro", que se encaixam na narrativa do bolsonarismo. Essa retórica não apenas busca reviver ideais nacionalistas, mas também cria uma base para justificar a exclusão de grupos considerados "outros" (Eco, 1995).

As novas direitas, ao reabilitar discursos e símbolos do fascismo, apresentam um fenômeno de fascismo 2.0, onde a tecnologia e as redes sociais amplificam a capacidade de disseminação de ideias extremistas. Para Eco, o fascismo é um fenômeno que nunca desapareceu completamente; ele apenas se transforma e se adapta às novas circunstâncias. Essa ideia é corroborada por Luis Felipe Miguel (2018b), que argumenta que o fascismo contemporâneo, ao se entrelaçar com o populismo, utiliza o medo e a desconfiança como instrumentos de controle social (Miguel, 2018b).

O discurso bolsonarista, por exemplo, incorpora a narrativa do "perigo comunista", resgatando o anticomunismo como uma estratégia central. O "fantasma do comunismo" é frequentemente utilizado para mobilizar a base eleitoral, promovendo um clima de inimizade e desconfiança em relação a opositores políticos e sociais. Isso ecoa a ideia de Eco sobre a construção de um inimigo comum que deve ser combatido em nome da pureza nacional (Eco, 1995).

Além disso, a relação entre a nova direita e o autoritarismo é intrínseca. O bolsonarismo não apenas se nutre do ressentimento popular, mas também utiliza as fragilidades da democracia para avançar sua agenda. A crítica ao sistema democrático, a deslegitimação das instituições e a promoção de uma ordem moral rígida são elementos que refletem a essência do fascismo, conforme discutido por autores como Mudde e

Kaltwasser (2017), que analisam como o populismo se posiciona como uma ideologia que contesta as normas estabelecidas em nome do "povo" (Mudde; Kaltwasser, 2017).

A intersecção entre o fascismo e as novas direitas é ainda mais evidenciada na forma como essas ideologias manipulam a verdade. Wardle (2021) observa que a disseminação de fake news e desinformação tem sido uma estratégia eficaz para desestabilizar a oposição e moldar a percepção pública. Esse processo é essencial para a construção de uma realidade alternativa, onde as narrativas do bolsonarismo prevalecem sobre a verdade factual, uma tática que Eco identifica como característica de regimes fascistas (Wardle, 2021).

A retórica nacionalista e a idealização de um passado perdido são também centrais para as novas direitas. Eco argumenta que a nostalgia é uma ferramenta poderosa que mobiliza emoções, e essa mobilização é frequentemente utilizada para justificar políticas que vão contra os princípios democráticos. O desejo de retorno a um "tempo melhor" é um apelo que ressoa profundamente em sociedades em crise, fornecendo um terreno fértil para a ascensão de ideologias autoritárias (ECO, 1995).

## **Conclusão**

A análise das interseções entre fascistas, populistas, autoritários e extremistas de direita sob uma perspectiva transnacional e comparativa revela um padrão preocupante que desafia a democracia contemporânea. O fascismo, como uma ideologia política que busca a totalidade do poder e a eliminação de dissidências, manifesta-se nas novas direitas globais, que reconfiguram o autoritarismo e a retórica nacionalista à luz das ansiedades sociais modernas.

Os discursos populistas, como os vistos no bolsonarismo, aproveitam-se da desilusão com as instituições democráticas e a insatisfação popular, posicionando-se como alternativas "puras" em oposição a uma "elite corrupta". Essa dinâmica é apoiada por estratégias de comunicação que utilizam fake news e desinformação, criando realidades alternativas que visam deslegitimar o debate democrático e fomentar a polarização social. Como observam Mudde e Kaltwasser (2017), essa configuração acentua a divisão da sociedade, pondo em risco a convivência pluralista.

Além disso, a fragilidade da memória histórica, evidenciada pela incapacidade de confrontar adequadamente legados autoritários, como os regimes militares na América

Latina, contribui para a normalização de discursos e práticas que reabilitam o autoritarismo. A falta de um debate crítico sobre esses passados sombrios alimenta uma cultura política em que o populismo reacionário pode prosperar sem contestação significativa. Isso é apoiado por autores como Schwarz (2019), que destaca como a rememoração insuficiente da ditadura militar permite que novas formas de autoritarismo ganhem terreno.

Assim, a ascensão de figuras políticas que evocam o passado autoritário, como Bolsonaro no Brasil, não deve ser vista isoladamente, mas como parte de um fenômeno global que reconfigura a política contemporânea. É vital que a sociedade civil, as instituições e os movimentos progressistas permaneçam vigilantes e mobilizados para resistir a essas tendências, defendendo as conquistas democráticas e promovendo um espaço político que priorize a pluralidade, a diversidade e a inclusão. O desafio atual é garantir que as lições do passado sejam efetivamente aprendidas, e que as sociedades contemporâneas não repitam os erros que levaram à erosão da democracia em diversos países. A luta pela preservação dos direitos civis e das liberdades individuais é, portanto, um imperativo moral e político em face do ressurgimento de discursos e práticas que ameaçam os fundamentos da democracia.

## Referências Bibliográficas

AARÃO, Daniel. A extrema-direita brasileira no século XXI. In: SINGER, André; FILGUEIRAS, Fernando (org.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 48-73.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BUCCI, Eugênio. **O que resta da política: conversas com quem pensa a política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DUNKER, Christian. **A arte da quarentena para principiantes: crônicas do isolamento**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ECO, Umberto. **Eternal Fascism: Fourteen Ways of Looking at a Blackshirt**. In: *Ur-Fascism*. New York: Houghton Mifflin, 1995.

EICHENBERG, Fernando. **A ascensão da extrema direita no Brasil e na Europa.** Le Monde Diplomatique Brasil, 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-ascensao-da-extrema-direita-no-brasil-e-na-europa/>. Acesso em: 30 out. 2025.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista.** São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LEVISTKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo e o fascismo: um debate sobre o Brasil contemporâneo.** São Paulo: Alameda Editorial, 2022.

MIGUEL, Luis Felipe. **Democracia na periferia capitalista: luta de classes e sistema político no Brasil pós-2013.** São Paulo: Boitempo, 2018a.

MIGUEL, Luis Felipe. **A nova direita no Brasil: uma análise do fenômeno contemporâneo.** São Paulo: Editora Unesp, 2018b.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A Very Short Introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2017.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SCHWARZ, Géraldine. **Os amnésicos: memórias de um nazismo oculto.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

WARDLE, Claire. **Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Action.** New York: Data & Society Research Institute, 2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

Recebido: 31/10/2024

Aprovado: 22/10/2025